

Tragédia e Comédia no rastro do Rei Palhaço, Ariano Suassuna.

Eduardo Luiz Viveiros de Freitas (Eduardo Viveiros)¹

Ariano Suassuna apresentou, em princípios dos anos 70 do século XX, seu Plano da Trilogia de Romances, a Maravilhosa Desventura de Quaderna, o Decifrador e a Demanda Novelosa do Reino do Sertão. Os dois primeiros volumes foram publicados pela Livraria José Olympio Editora, em 1971 (Romance D'A **Pedra do Reino** e o Príncipe do Sangue do Vai-E-Volta), (**PR**) e em 1977 (História D'O **Rei Degolado** nas Caatingas do Sertão), (**RD**). O terceiro volume, O Romance de **SINÉSIO, O ALUMIOSO**, Príncipe da Bandeira do Divino do Sertão, resta por ser publicado. N'A **Pedra do Reino**, o autor empenhou doze anos de trabalho, de 1958 a 1970. **O Rei Degolado** foi publicado, inicialmente, em folhetins semanais, entre novembro de 1975 e maio de 1976.

Atribui-se certa visão trágica do mundo presente na obra do autor (poesia, teatro, romances), principalmente, à perda do pai quando Suassuna tinha apenas três anos de idade. João Suassuna governou a Paraíba de 1924 a 1928 e foi assassinado no Rio de Janeiro, em 9 de outubro de 1930, vítima dos enfrentamentos políticos ligados à Revolução de 30. Nos dois primeiros volumes da trilogia de **Quaderna, o Decifrador** Ariano utiliza a técnica da picaresca para construir uma saga que não pode ser traduzida num único gênero literário, mas de que sobressai uma sátira dos costumes brasileiros. Sátira essa que radicaliza a crítica à vida pública nas décadas de 20 e 30 do século passado.

Sabe-se do gosto amargo que a farsa deixa na boca do narrador Quaderna, e o delicioso sabor da ironia e da crítica que os leitores desfrutam ao ler o grande depoimento desse pícaro, a partir de momentos como os abaixo reproduzidos em forma de aforismos. Antes, cumpre reproduzir estes trechos da Nota do Autor que aparece ao final do segundo volume da trilogia, selecionados pelo crítico Wilson Martins, para artigo publicado nos Cadernos de Literatura Brasileira do Instituto Moreira Salles (nº 10, p. 127, 2000):

...é um romance só, uma só novela, fundamentalmente épica – um livro dividido em três partes, sendo *A Pedra do Reino* uma espécie de rapsódia introdutória dos temas. *O rei degolado* é mais épico, trágico e sertanejo-terrestre, como a Guerra do Sertão Paraibano narrada através de seus três episódios principais – 1912, 1926 e 1930. A última parte, *Sinésio, o Alumioso*, será mais mítica, de amor e marinha – se é que, como já escrevi certa vez, isso, de fato, significa alguma coisa. [...] Mas uma Epopéia como a concebe um brasileiro sertanejo – uma Epopéia que não se limitasse a examinar somente os Heróis saídos das famílias poderosas mas que estendesse o conceito de Herói e das famílias trágicas e épicas às famílias ilustres pertencentes à aristocracia do Povo; e também uma

¹ doutorando em Ciências Sociais e pesquisador do Neamp, Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política

Epopéia e Novela de Cavalaria que, examinando a sociedade a todos os níveis, partisse das casas-fortes da “Aristocracia do couro”, do Sertão, para chegar às mulheres, os almocreves e tangerinos de gado das empoeiradas estradas sertanejas, isto é, que unisse aos outros já referidos o espírito realista, crítico e satírico das novelas picarescas.

Assim, e ao modo do romance picaresco, acompanhar o Narrador de tão gigantesca obra, faz da análise um empreendimento quixotesco (termo, aliás, apropriado para a ocasião...), sendo necessário ressaltar que o intelectual Ariano Suassuna também é um objeto difícil de ser definido ou delimitado em conceitos ou categorias. Múltiplo em suas criações artísticas, o romancista, teatrólogo, poeta, conferencista (suas aulas-espetáculo são conhecidas em vários Estados do Brasil, e foram incorporadas à política de cultura do Estado de Pernambuco), bacharel em Direito e em Filosofia, professor de estética na UFPE, secretário da cultura no Recife (1975) e de estado da cultura no segundo governo Arraes (1995-1998), atual Secretário Especial da Cultura do governo de Pernambuco (Eduardo Campos, 2006-2010), ilustrador e gravador, imortal da Academia Brasileira de Letras desde abril de 1990, é também múltiplo em suas opiniões e posturas políticas.

Atualmente filiado ao PSB (Partido Socialista Brasileiro), confessa que a atuação político-administrativa atrapalhou seu trabalho de escritor. Já se disse arrependido de ter participado dessas atividades no período anterior a 1980, mas com a volta de Arraes ao poder em Pernambuco, engajou-se no trabalho político-cultural. Pediu para que não lhe demandassem para que pudesse retomar o romance que escreve por toda a vida, mas cedeu e aceitou o convite do atual governo de Pernambuco e, com sua equipe de artistas-assessores desenvolve o programa “A Onça Malhada, a Favela e o Arraial – Novo projeto Cultural Pernambuco - Brasil”, circuito de aulas-espetáculo que percorre o Estado, levando dança, teatro, música, canto e literatura ao público. É possível ter mais informações sobre esse projeto em: <http://200.238.107.167/web/porta/secretarias?id=307>

Suassuna purga a culpa por pertencer ao “Brasil privilegiado” e critica a cultura oficial, acadêmica, afastada dos mais pobres, que possuem a sua própria cultura, sua pintura, sua gravura, sua música, seu teatro, sua poesia, produzidos no “Brasil real”. Como bom machadiano, sua crítica dirige-se ao “Brasil oficial”, que “tem alguma coisa que presta; pessoas dentro dele que têm consciência dessa dilaceração terrível que o país vive. O Brasil oficial, ao qual nós pertencemos, tem a obrigação de chamar a atenção para essa realidade. Eu, por exemplo, procuro fazer uma fusão desses dois países” (Cadernos de Literatura do Instituto Moreira Salles, 10, 2000, p. 39).

Ariano coloca, assim, a questão do intelectual orgânico, apesar de achar que Gramsci pode “ter exagerado um pouquinho no sentido político”. O “sentido político”, no caso do escritor, é mesmo difícil de se definir. Pensava em Canudos quando falou em “monarquia de esquerda”, nunca foi

marxista (“tenho a maior antipatia por Marx”) e diz que seu socialismo vem dos apóstolos, do catolicismo, mas não da Igreja. Diz ter sido levado a um erro de interpretação sobre a monarquia, “por conta da minha atitude diante da morte do meu pai”, que em poemas e personagens assume a figura de um Rei do Sertão. Mesmo assim, numa espécie de autocrítica política-mística-poética, se dizia, em 2000, “do lado da república”.

Mas o melhor, para talvez compreender (no sentido que atribui Fernando Pessoa à compreensão) esse múltiplo artista, literato e político, é ler seu pensamento através de seu personagem nessa gigantesca epopéia iniciada em 1958. **Quaderna**, da linhagem “aristocrática popular” criada pelo autor, descende de João Grilo, Chicó e outros personagens criados por Ariano. O “amarelinho”, homem do povo, que luta contra as adversidades com astúcia, livrando-se ora da fome, ora da prisão, sempre da opressão e da arrogância de classe, no histórico choque entre povo e elite, classes populares e classes médias/burguesia, os de baixo e os de cima, trabalhadores e burgueses ou que outros nomes se possa dar aos protagonistas da tragicomédia representada na luta entre o Brasil-real e o Brasil-oficial.

“Sim! Nesse estranho processo, a um tempo político e literário, ao qual estou sendo submetido por decisão da Justiça, este é um pedido de clemência, uma espécie de confissão geral, uma apelação – um apelo ao coração magnânimo de Vossas Excelências”. (PR, p. 6)

“...aqui no Sertão quem não cuidar nas Onças pode muito bem acabar sendo comido por elas. (...) Por exemplo, aquele ditado que diz 'Quem banca o Carneiro, e não o homem, a Onça chega por trás e come'. Ou então aquele outro: 'Depois da Onça estar morta, qualquer um tem coragem de meter o dedo no Cu dela!'” (PR, 12)

“Não é preciso dizer que Samuel entrou imediatamente para a Ação Integralista Brasileira (...) Quanto a Clemente, aderira furiosamente à Aliança Nacional Libertadora (...) Acontece que a luta ideológica travada entre os dois estendera-se do campo puramente político até o literário, o histórico, o filosófico e até o religioso, se posso falar assim.” (PR, 195)

“De modo semelhante, tomavam, furiosamente, partido em tudo. A Sociologia era da Esquerda, e a Literatura, fortemente suspeita de direitismo. O 'riso satírico e a realidade' eram da Esquerda, a 'seriedade monolítica e o sonho' da Direita. A Prosa era da Esquerda e a Poesia, da Direita.” (PR, 196)

“O Vaqueiro ouvia seu próprio sangue latindo, pedindo, suplicando que ele corresse e se afastasse do Bicho amaldiçoado. Ao mesmo tempo, porém, que ele sentia o horror, sentia também o fascínio do Bicho e da Desordem desmedida, obrigando-o a procurar ver, ver sempre mais, pois é destino sem fim, nosso, querer, como diz Clemente 'decifrar todo o Bicho deste Mundo!'” (PR, 330)

“...na descoberta de que o mundo era um Bicho sarnento e os homens os piolhos e carrapatos chupa-sangue que erram por entre seus pelos pardos, sobre seu couro chagado, escarificado e feridendo, marcado de cicatrizes e peladuras, e queimado a fogo lento pelo Sol calcinante e pela ventania abrasadora do Sertão.” (PR, 444)

“Por causa das vicissitudes que eu tinha passado sempre em minha 'atribulada existência', eu era muito relacionado entre o Povo – cabras-do-rifle, Cangaceiros, tangerinos, Vaqueiros, Mulheres-Damas, Cantadores etc. Aqueles dois (Clemente e Samuel), apesar de viverem falando e filosofando sobre o Povo, viviam eternamente fechados entre o mofo de suas respectivas casas, a poeira e as teias-de-aranha da Biblioteca, enfim, no 'mofo dos capões intelectuais' (...) Não sabiam nem falar com a gente do Povo e tinham um secreto pavor e um secreto mal-estar diante de tudo o que ao Povo era ligado.” **(PR, 508)**

“Para Joaquim Nabuco e seus seguidores, o Brasil é, e deve se esforçar por ser cada vez mais um prolongamento da Península Ibérica. No fundo, todos esses são traidores da nossa luta, saudosos da Europa, exilados e desenraizados aqui! Nosso caminho deve ser outro. Temos que aprofundar e ampliar a picada aberta por Sylvio Romero e Euclides da Cunha.” **(PR, 521)**

“Imperceptivelmente, sem que eu quisesse ou notasse isso, o aspecto real e político de todos aqueles acontecimentos foi ficando de lado e cedendo passo ao aspecto poético-literário, muito mais *real* e embandeirado do que o outro.” **(PR, 622)**

“- Homero, se acalme! Em Política, a gente tem que ceder muita coisa e engolir muito sapo!” **(RD, 17)**

“- Calma, João! Calma, meu primo! - disse Carlos Pessoa, bem humorado. - Em Política é assim mesmo, ganha mais quem mais espera!” **(RD, 37)**

“...e vamos adiante porque, neste século de eficientes, eu sou apenas um Cantador arcaico que, em seu *novelário de malassombros*, tem mil e uma histórias para contar.” **(RD, 49)**

“Se tenho procurado rir e organizar minha vida como um espetáculo de Circo, foi porque sempre me considereei como 'um cruzamento de Rei e de Palhaço', sendo que, talvez, a parte mais valente, a parte que talvez venha a me salvar, seja a da coroa de flandre, a da roupa estrelada e esburacada do Palhaço de circo-pobre que sou eu. Foi o jeito que achei para neutralizar o infortúnio!” **(RD, 73)**

“E não sei se não será mais triste do que minha Tragédia, o Drama daqueles que têm uma vida triturada, desde a geração anterior, pela mesquinhez, pela mediocridade, pela falta de sentido da vida.” **(RD, 85)**

“Muitas vezes fui, e ainda sou, covarde, ruim, mentiroso, tentado pela solução mais fácil, porque acredito (...) que nenhum de nós está à altura da terrível tarefa de ser homem.” **(RD, 86)**

“... a Vida é uma Fera, governada pela desordem;” **(RD, 87)**

“...como seu eu devesse saber, desde logo, que tanto a dor quanto o prazer são causa de sofrimento, porque ambos, ao alargarem o campo de fruição do conhecimento e da beleza, alargaram também e necessariamente, as zonas sensíveis ao infortúnio. Parece (...) que as mais ardentes fruições já trazem em si um elemento de solidão e desespero, marca de sua verdade e sinal de sua duração porque somente as sensações que conduzem dentro de si essas marcas de brasa e sangue vivo, recebem alguma garantia e são mais duradouras do que as outras.” **(RD, 94)**

Para meu querido amigo Marcelo Burgos.